



Missão Cruls



O que era mata virou favela

No terceiro dia de viagem, a comitiva Cruls enfrenta a velocidade da Via Dutra e constata que a urbanização custou caro ao país

RENATO ALVES
ENVIADO ESPECIAL

Wanderlei Pozzembom



RUMO AO OESTE

A COMITIVA DA MISSÃO CRULS MODERNA PÁRA NUM TRECHO DA VIA DUTRA, NA ENTRADA DA GRANDE SÃO PAULO

São Paulo (SP) — No relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, não há relatos da viagem de trem que os 22 homens da Missão Cruls fizeram do Rio de Janeiro até Uberaba (MG). Mas, certamente, eles contemplaram o cenário ao longo do percurso. Da janela dos vagões puxados por maria-fumaça, viram a densa vegetação da Serra das Araras, no limite do Rio com São Paulo. Passaram ao lado de rios e cachoeiras de água pura. Avistaram pássaros e animais de médio porte de diversas espécies.

Tempo para admirar a paisagem e os animais, a missão teve de sobra. Foram 20 dias de viagem. O grupo saiu do Rio de Janeiro no dia 19 de junho de 1892. Passou por Jacareí (SP), São Paulo (SP), Campinas, Pedra Branca (hoje Casa Branca), Ribeirão Preto até desembarcar em Uberaba (MG), no dia 9 de julho. A linha férrea ia até Araguari (MG). Mas, antes dela, próximo a Uberaba, o rio Paranaíba tinha o leito mais estreito. Era mais fácil e rápido atravessá-lo. A missão levou quase um dia inteiro para levar todos os equipamentos de uma margem a outra do rio. “Para se ter uma idéia da quantidade de equipamentos, roupas e mantimentos, as 206 caixas e fardos de bagagem devem ter ocupado seis vagões de trem”, estima o historiador Jarbas Silva Marques.

Diretor do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, Jarbas Marques é um dos sete pesquisadores da equipe de 13 pessoas que refaz o percurso da Missão Cruls, desde terça-feira. A viagem desse grupo de estudiosos é acompanhada por uma equipe do **Correio**. A infra-estrutura da missão atual e o cenário encontrado nos dois primeiros dias de viagem são muito diferentes daquele registrado pela Comissão Exploradora do Planalto Central há 111 anos.

Do Rio até São Paulo, o grupo de pesquisadores modernos usou a Via Dutra. Até chegar à rodovia, passou pela Linha Vermelha, principal acesso da capital carioca à baixada fluminense. O caminho é cercado por favelas. A Dutra, toda duplicada, permite uma velocidade média de 100 km/h, a não ser nos trajetos on-

de a concentração de caminhões é maior e parte da pista está interdita para reparos. Claro que, tamanha comodidade e funcionalidade tem seu preço. São R\$ 5,80 por pedágio

até São José dos Campos (SP) — são quatro pontos de parada neste trecho — e R\$ 2,80 de São José até a capital paulista — mais dois pedágios. Além do tráfego pesado de veícu-

los, do Rio a São Paulo, o que se vê hoje é um cenário totalmente urbanizado, com poucas regiões de mata nativa. “Como queriam os primeiros governos republicanos, a região

se desenvolveu, mas de forma desorganizada. O maior exemplo é o amontoado de favelas, tanto no Rio quanto em São Paulo”, lamenta o botânico Fabian Borghetti, outro membro do grupo que segue os passos da Missão Cruls.

Ele chama atenção para o fato que, já no fim do século XIX, o meio ambiente das duas maiores cidades do país já sofria agressões, apesar de ter população até 20 vezes menores do que as atuais. “A floresta da Tijuca havia sido desmatada para dar lugar a uma plantação de café. Só depois, houve um reflorestamento”, lembra Borghetti.

O historiador Jarbas Marques destaca que a própria Missão Cruls colaborou para o desmatamento. “Os trens, naquela época, eram a vapor. O combustível, lenha, que ficava ao longo da estrada de ferro para alimentar as caldeiras da máquina”, explica. Naquela época, no entanto, não havia tanta preocupação com a degradação ambiental. “Até porque, o homem só começou a se preocupar com isso quando vieram as consequências, como a poluição de rios, a interferência no clima”, completa Fabian Borghetti.

Professora da Universidade Federal de Uberlândia, a geóloga da nova missão Cruls, Regina Clélia Haddad, culpa a intervenção do homem no meio ambiente pelos problemas atuais das grandes metrópoles por onde passou nos dois últimos dias. “O desmatamento nos morros abriu enormes crateras. Como o solo da região é arenoso, basta chover para haver deslizamento, o que é comum a cada verão, tanto em São Paulo quanto no Rio”, diz.

Os pesquisadores estiveram na Universidade do Vale do Paraíba (Univap) e na Universidade de São Paulo (USP) para falar sobre o caráter científico e histórico da Missão Cruls e as sementes que a antiga expedição lançou na sociedade brasileira. A mais importante, sem dúvida, foi a transferência da capital da República do Rio de Janeiro para o Planalto Central do Brasil.

Ontem à noite, a reedição da Missão Cruls chegou a Campinas, São Paulo, para uma mesa redonda, hoje, no Centro de Convenções da Universidade de Campinas (Unicamp).



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

A MENINA NA PORTA DE CASA

A menina se sentava na porta de casa, na pequena e pobre Cristalândia, no norte de Goiás, dobrava e desdobrava folhas de pata de vaca, uma planta característica dos países tropicais, muito usada para combater diabetes e para acolher sonhos de menina. As folhas de planta eram folhas de um livro que ela imaginava cada dia de um jeito, cada dia com uma história, cada dia um livro novo. Queria uma boneca de cabelo. Mas, como naquela distância de mundo, naquela pobreza de vida?

Pegava ossinhos de boi, punha cabelos de espiga de milho e estava pronta a sua boneca. A menina, fraquinha de corpo, fazia mágica com um punhado de imaginação. Ela devia ter 7 anos, ou 8, já não se lembra ao certo, quando os deuses lhe deram um presente. Quem o trouxe foi um caixeiro-viajante (seria ele um mensageiro dos céus?). Uma caixa enorme, tão grande que nela cabia todos os sonhos da menina. “Meu Deus! Será a boneca de cabelo? Roupas? Comida?” Ficou ali, ela e a caixa, a caixa e ela, uma olhando pra outra, a menina suspensa no ar, do jeito mesmo que a gente fica quando uma coisa muito boa (ou muito ruim) se anuncia.

É Cida quem conta, na carta que me escreveu, em duas folhas de caderno: “Quando abra! Minhas vistas ofuscaram, meu coração acelerado, minhas mãos trêmulas. Livros...livros...livros... Muitos, grandes, pequenos, coloridos. Meu Deus! Quanta gratidão! Aquele caixeiro-viajante é a única lembrança boa que tenho da minha infância.” Mais de 40 anos se passaram e o homem de cabelos lisos, loiros, calça de linho branco e camisa listrada de cinza, nem alto nem baixo, porém grandioso na sua generosidade, mantém-se nítido na memória de Maria Aparecida, a enfermeira aposentada que, às quartas-feiras, lê li-

avros para as crianças internadas na pediatria do Hospital Regional de Taguatinga. Aos 9 anos, fraquinha de corpo, a menina veio para Brasília à cata de tratamento médico. Daqui nunca mais saiu, aqui recuperou as forças, arrumou uma profissão, se casou, se separou, se casou de novo, tem dois filhos e está construindo uma casa no Park Way. Pra chegar a tanto, suou muito sangue, ela mesma diz. Tanto que hoje enfrenta uma depressão que se aproxima, acompanhada de diabetes, da menopausa, do cansaço de 50 anos de vida, 28 de trabalho, 14 dos quais sem férias.

Antes que a tristeza a engolissem de vez, Cida foi atrás da menina sentada na porta de casa lendo livro de mentirinha, brincando de boneca feita de osso. Ela escreve: “Preciso ler, escrever, para poder viver! Quando entro numa livraria é como se entrasse numa caixa enfeitada com um grande laço, esse mundo me fascina, o cheiro, os títulos, subtítulos, as cores, as formas, as histórias, tudo me inebria”. Cida me disse ontem, depois de me servir suco de goiaba com pudim de leite, que não se deixará engolir pela depressão. “Não quero saber dela, ela pra cá e eu pra lá...” Para isso, tem os livros.

